

COMENTÁRIOS SOBRE AS EXPERIÊNCIAS DE ANÁLISE RUPESTRE EM MINAS
GERAIS

André Prous*

Longe de serem análise com finalidade puramente descritiva, os exemplos apresentados nas páginas anteriores são apenas trabalhos preliminares antes de serem formuladas perguntas básicas como: quem fez os grafismos? onde, porque e para que?

Com efeito, até agora, tínhamos trabalhado sobretudo para saber *quando* tinham sido realizadas as figuras rupestres; dispondo já de esboços de cronologias absolutas ou, pelo menos, relativas, em duas regiões do Estado, tornava-se justificado iniciar a análise interna de cada uma das maiores unidades estilísticas.

A maior parte dos exemplos apresentados nas páginas anteriores dizem respeito à Tradição São Francisco, cuja grande extensão geográfica e duração cronológica sugerem que deve apresentar variações importantes no tempo e no espaço.

Uma primeira abordagem consiste em estudar as técnicas utilizadas; é assim que parte dos sítios de Montalvânia tem parte da sua originalidade na utilização do picoteamento, enquanto que os sítios do Alto São Francisco se distinguem pela utilização quase exclusiva de traços lineares finos, excluindo quase totalmente o chapado para as figuras geométricas.

Outra abordagem consiste em buscar temas regionais, como as figuras do "tipo Caboclo", frequentes apenas em alguns sítios de Januária, mas que encontramos isolados em alguns lugares da Bahia

* Setor de Arqueologia e Dept.º Sociol./Antrop. UFMG; Bolsista do CNPq; Mission Archéologique Française du Minas Gerais.

e de Montalvânia (levantamentos do IAB mostram que este tipo de figura se estende para o sul até Varzelândia).

No estágio atual da pesquisa, acreditamos que a Tradição São Francisco, talvez originária do Alto Médio São Francisco (onde é muito representada e apresenta grande variedade gráfica) ter-se-ia expandida rio acima e rio abaixo, modificando-se nas zonas periféricas. Pretendemos tentar, nos próximos anos, a delimitação de verdadeiros territórios rupestres, que talvez possam ser atribuídos a grupos tribais distintos, embora provavelmente aparentados, a partir da "arte" rupestre.

O estudo detalhado de uma mesma região geográfica (como a de Januária, ou a de Montalvânia), mostra a justaposição de pequenas zonas "nucleares", com características nítidas, separadas por faixas "fronteiriças" com mistura de atributos; isto poderia, em certos casos, ser explicado pela alternância de tribos vizinhas nos sítios de região fronteiriça e em outros por uma simples sucessão de população. A distinção entre os dois fenômenos se faz pela observação dos "fósseis-guias" das unidades estilísticas; no primeiro caso, as superposições não se fazem sempre no mesmo sentido nos diferentes sítios ou painéis (por exemplo, as figurações do grupo "A" podem tanto suceder aos grafismos do grupo "B" quanto pode ocorrer o contrário, segundo as fórmulas A-B, ou B-A, ou ainda A-B-A-B etc.); no segundo caso, a evolução se faz sempre da mesma maneira, uma característica apresentando-se *sempre* como mais antiga e outra, como mais recente (fórmula A-B, apenas).

Dentro de um único sítio, o estudo topográfico das obras pode revelar tanto uma ocupação progressiva do suporte (elementos cronológicos) quanto sua divisão em segmentos significativos (grafismos "reservados" às zonas centrais ou marginais, altas ou baixas etc.), sem falar das associações preferenciais entre os tipos ou as cores. A análise topográfica permite assim descobrir uma projeção ideológica, espacial e hierárquica, nos paredões pelo homem pré-histórico.

O estudo gráfico das figuras e físico-químico das tintas de cada figura (em fase inicial ainda) e o das impressões palmares (algumas foram observadas em Januária, deixadas involuntariamente por mãos manchadas de tinta), permitirão mais tarde procurar identificar os autores (números ou não? canhotos ou não?); assim se-

rã possível separar, num mesmo painel, as obras de um grupo, social, seja clânico, sexual etc.

Poderíamos ter dado também exemplos de análise de grafismos de outras unidades estilísticas, que também abrem caminhos para entendermos melhor as relações inter-grupos. A comparação entre as manifestações da Tradição Nordeste de Januária e as mostradas por N. Guidon e colaboradores nas microfichas de sítios do Piauí é particularmente promissora.

Por sua vez, o estudo comparativo de diversas Tradições permite ressaltar a originalidade de cada uma, além da simples diferença temática. Vimos, por exemplo, que o aspecto do sítio e do suporte podia ser significativo, sendo o mesmo painel atrativo ou repulsivo para grupos diferentes. Por outro lado, a relação entre os níveis sucessivos de pintura ou gravura mostra como os homens pré-históricos se comportavam em relação aos seus antecessores. Poderíamos dizer que era de maneira "positiva", quando os recém-chegados "respeitavam" os grafismos anteriores (pintando apenas em lugares livres); de maneira "neutra" quando pintavam por cima sem os suprimir; de maneira "negativa", quando destroem as figuras antigas para substituí-las por novas. Tais atitudes diferenciadas poderiam refletir as relações, mais ou menos diretas e pacíficas entre as populações sucessivas; podemos imaginar que um grupo que tome posse de um território após expulsar os seus predecessores, queira apagar os símbolos dos vencidos (atitude "negativa"), enquanto quem ocupar uma zona há tempo abandonada poderia sentir respeito para grafismos antigos, de origem desconhecida, integrando eventualmente estes na sua cosmografia, isto se traduziria provavelmente por uma atitude "positiva". De grupos alternando num mesmo local em região fronteira, podemos esperar atuação "neutra" ou "positiva" se não forem inimigos.

Acreditamos, portanto, que a "arte rupestre" seja um campo particularmente promissor para estudarmos fenômenos a nível de superestruturas, porque ela reflete evidentemente o pensamento dos seus autores, e os grafismos são uma expressão voluntária e consciente das populações que os deixaram visíveis. Os vestígios enterrados, pelo contrário, não são tanto carregados de conteúdo simbólico e refletem mais a infra-estrutura tecno-econômica. Isto não significa, de certo, que a arte rupestre não possa fornecer indi-

cações sobre a tecnologia e a economia (é o caso na reprodução de instrumentos ou alimentos), ou que os vestígios encontrados nas escavações não possam (por sua variedade e sua distribuição espacial) refletir a organização social ou expressar um conteúdo simbólico (evidente no caso de sepultamento, por exemplo). No entanto, parece certo que são dois campos complementares, cada um oferecendo maiores facilidades para interpretar um determinado campo da cultura, material ou espiritual.

Nenhum dos dois pode ser isolado ou privilegiado, numa concepção globalizante do estudo arqueológico, mas cada campo requer o desenvolvimento de uma metodologia apropriada.

BIBLIOGRAFIA

- PROUS, André; JUNQUEIRA, Paulo & MALTA, Ione
1984. "Arqueologia do Alto Médio São Francisco (região de Januária/Montalvânia) " *Revista de Arqueologia*, Belém, 2(1):59-72.
- PROUS, André, LANNA, Ana Lúcia & PAULA, Fabiano L.
1980. "Estilística e cronologia na Arte Rupestre de Minas Gerais". *Pesquisas*, São Leopoldo, 31:121-146.
1977. RELATÓRIO de prospecções realizadas no município de Montalvânia, MG, pela Missão Arqueológica Franco-Brasileira" *Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG*, Belo Horizonte, 2:67-118.
- CASTELLANOS SOLÁ, M.E.; PROUS, André & SILVA, Gisele, R.
1984. "Primeiros resultados das pesquisas rupestres na região de Januária/Itacarambi-MG" *Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG*, Belo Horizonte, 6/7:383-395.

casos sobre a tecnologia e a economia (é o caso na reprodução de instrumentos ou alimentos), ou que os vestígios encontrados nas escavações não possam (por sua variedade e sua distribuição espacial) refletir a organização social ou expressar um conteúdo simbólico (evitando no caso de sepultamentos, por exemplo). No entanto, parece certo que são dois campos complementares, cada um oferecendo maiores facilidades para interpretar um determinado caso de cultura, material ou espiritual.

Nenhum dos dois pode ser isolado ou privilegiado, numa concepção racionalista de estudo arqueológico, mas cada campo requer o desenvolvimento de uma metodologia apropriada.

BIBLIOGRAFIA

- PROUS, André; LUNQUEIRA, Paulo & MALTA, José
1984. "Arqueologia de Alto Médio São Francisco (região de Jandaia) (Montesópolis)" *Revista de Arqueologia*, Belo Horizonte, 10:129-52.
- PROUS, André; LANA, Ana Lúcia & PAULA, Robinson I.
1980. "Estilística e cronologia no Arte Rupestre de Minas Gerais". *Revista de Arqueologia*, Belo Horizonte, 5:111-148.
1977. "RELATÓRIO de prospecções realizadas no município de Montesópolis, MG, pela Missão Arqueológica Franco-Brasileira". *Arq. Mus. Nac. Rio de Janeiro*, 1:87-118.
- CASTELLANOS SOLÉ, M.R.; PROUS, André & SILVA, Cláudio K.
1984. "Primeiros resultados das pesquisas rupestres na região de Jandaia/Montesópolis-MG". *Arq. Mus. Nac. Rio de Janeiro*, Belo Horizonte, 9:122-288.